A utopia do fim e não o fim da utopia!

O título é contraditório, pois a palavra Utopia carrega consigo esperança e vida; um novo começo. Na verdade é isto que o Apocalipse 18 propõe, mas para que isto aconteça é necessário findar o sistema que nos faz sonhar com o novo de uma forma tão intensa quanto o sistema é mortal.

A queda do poderio romano é cantada liturgicamente em Ap 15–19 como a grande esperança da vinda total do reino de Deus. Os primeiros cristãos tinham a convicção de que o sistema escravista romano não era legitimado por Deus. Pois pela prática econômica, que determinava a religiosa, a política, a ideológica e a cultural os cristãos sentiam na pele o projeto do diabo. O Apocalipse é um dos livros da Bíblia que coloca com maior clareza e ousadia a oposição de Deus ao sistema opressor. O Apocalipse poderia ser classificado como o livro do Êxodo definitivo.

I. A QUEDA DA BABILÔNIA: Ap 15,1–19,10

1. As Sete Pragas: 15,1–16,21

O capitulo 15 fala das pragas que antecedem o dia da queda do sistema. É uma referência às pragas no Egito antes do Êxodo. Aqui a Babilônia (Roma) simbolizaria o Egito. Seria um novo êxodo, mas um êxodo definitivo. No Egito ainda se podia fugir do sistema, agora só com a destruição total do sistema Deus pode implementar o seu projeto.

15,2: fala do mar de vidro lembrando o mar vermelho.

15,3-4: é um cântico lembrando Ex 15,1-21 no cântico de Moisés e Miriam. É o canto da vitória antes dela acontecer; é a certeza da derrota do sistema cantada antecipadamente.

16,9 + 11: as pragas não causam conversão, de modo semelhante como no Egito. O Faraó não se converteu, pelo contrário endureceu o seu coração. O Ap diz que o poder de Roma vem do Diabo em 13,3. Adora-se o Diabo (dragão) e a César

(besta), em 13,4. O diabo nunca vai se converter nem os seus seguidores. É ilusão crer na conversão do sistema opressor.

2. A Grande Prostituta (Roma): 17,1-18

17,9: define quem é a prostituta: os sete montes indicam Roma, que se estendia por sete morros.

17,18: diz que é a grande cidade que domina sobre os reis da terra = Roma.

3. Quatro cânticos da Queda da Babilônia: 18,1–19,10

1º - anúncio da queda (18,2-3)

2º - pedido de vingança (18,4-8)

3º - lamento sobre a queda (18,9-24)

4º - celebração da vitória (19,1-8)

II. A UTOPIA DO FIM DO SISTEMA OPRESSOR: Ap 18,1–19,10

1. Descrição do Sistema Opressor: Uma análise de Conjuntura

1.1. O futuro do sistema será dos demônios! (18,2)

Nada de bom haverá em Roma após a sua destruição. Será covil de espíritos imundos. Esconderijo de toda ave imunda e detestável. Prostituiu todas as nações, reis e mercadores, via enriquecimento e luxúria.

Confira ao pé de cada página da Bíblia, também do Apocalipse, onde estão as referências ao Antigo Testamento, que mostram como os cristãos que liam o texto conseguiam entender bem a mensagem. Para bom entendedor meia palavra basta. A maioria das referências são de profetas, principalmente Jeremias, Isaías, Ezequiel, Daniel e Naum. Com isto as profecias do Antigo Testamento estarão se realizando e mostram que o autor não está tirando as suas palavras do nada mas estão embasadas pelas Sagradas Escrituras, que na época eram o Antigo Testamento. Mas por outro lado quem não era cristão não entendia qual era o objetivo do livro, que era fortalecer as esperanças da comunidade cristã e situá-la no tempo e dizer que Deus é o Senhor da história, mesmo que às vezes não pareça. Além disto vai ter um julgamento, ninguém vai ficar impune.

Quando o sistema capitalista for destruído quem habitará em suas ruínas?

1.2. Para um sistema internacional uma quebradeira internacional (18,3)

O sistema é internacional e é por isso que a quebradeira tem que ser geral (v. 11). A preocupação está nas mercadorias. Com a queda do poder político cai o sistema econômico. Acontece aqui o que aconteceu em Jericó e Ai, com a tomada das Cidades-Estado (Js 6–8); tomou-se, então, o poder político e mudou-se o sistema econômico e o povo pôde organizar um novo sistema econômico e uma nova

organização política. Em nosso texto, porém, trata-se da realização total e final do reino de Deus. O alerta em 18,4 quer prevenir os cristãos para não assumirem a ideologia do poder romano que tudo legitima. O cristão não é aliado do sistema opressor, pois este recebeu o seu poder do diabo e não de Deus. Reis e mercadores andam juntos, pois um dá o poder ao outro, um legitima o outro.

Nós conseguimos sonhar com uma quebradeira geral do capitalismo? Ou temos medo disto?

1.3. Para os amigos tudo – para os inimigos a lei e a morte (18,6-7)

Em 18,6-7 fala-se do massacre dos cristãos que aconteceu porque foram considerados rebeldes e ateus. O sistema necessita eliminar toda oposição, pois estão em jogo a sua riqueza e seu poder. O sistema tem consciência clara da luta de classes que está acontecendo e por isso é implacável. Por isso o texto fala que Deus também é implacável com seus inimigos e que os cristãos devem saber isto. O que significaria dar em dobro ao capitalismo, segundo suas obras?

1.4. Sou indestrutível! (18,7)

O sistema se considera autoconfiante e auto-suficiente, mas num dia só vai quebrar tudo. O sistema opressor sempre pensa e age como se fosse indestrutível e passa esta imagem para a população para intimidar e limitar a oposição. Deus acaba com o Estado porque o Estado se autodenomina deus, tomou o lugar de Deus. Este foi o problema com o surgimento do Estado israelita em 1Sm 8,7-8 onde Deus diz que o povo não rejeitou a Samuel mas a Deus: "pois a mim me deixaram, e a outros deuses serviram". E o Estado existe por causa da economia, para legitimá-la e garantir que continue funcionando. O Estado é o instrumento pelo qual a economia se viabiliza. O Estado é o resultado de uma economia injusta que precisa de um instrumento de coerção para beneficiar uma classe.

Agora quem dá as cartas é a economia de mercado (que é uma expressão que visa amenizar o termo: capitalismo). Por quanto tempo isto vai continuar?

1.5. Os aliados do sistema (18,9 + 18,10-11 + 18,15 + 18,17 + 18,19 + 18,23)

Identificam-se os aliados do sistema: reis da terra, mercadores e todo o sistema de transporte marítimo, que é fundamental para a circulação das mercadorias. Mas estes se conservam longe se lamentando pelos prejuízos que tiveram, afinal não se arriscam porque apenas querem o lucro.

Quem hoje são os aliados do sistema? Os cristãos estão incluídos? Se estiverem, pode isto?

1.6. O fetiche da mercadoria (18,12-14 + 16)

O texto descreve e relaciona a circulação de mercadorias, produtos e pessoas; tudo mercadorias. Descreve as delícias que as mercadorias podem oferecer, mas os leitores sabem que foram produzidas em condições subumanas e são o resultado da morte de muitas pessoas. Não só isso, mas as próprias pessoas estão na lista

de mercadorias e suas almas são vendidas aos deuses. Chama a atenção que na lista de mercadorias quase só aparecem produtos considerados de luxo; é com a comercialização destas mercadorias que vem o grosso do lucro. Até almas humanas são vendidas e compradas; as consciências das pessoas eram vendidas e compradas pelo sistema; o seu sim ao sistema rende muito dinheiro.

Como nós cristãos nos deixamos guiar pelo capital? E como o adoramos? Ou não o adoramos? Como o sistema capitalista nos seduz e nos convence que ele está certo e é o melhor? Para o capitalismo as pessoas também são mercadorias?

1.7. Identificação da cidade e seus defensores (18,18)

Em 18,18 identifica-se a cidade, dizendo: a grande cidade. Fala de Roma mas se refere ao Estado como um todo. Quem era mais poderoso que o grande império? O cap.18 fala disto 5 vezes usando o termo: a grande cidade.

Em 18,23 se identifica quem se beneficiou e deu sustentação ao sistema. Identifica-se a economia como causadora da opressão e usa-se o poder político (reis da terra) para garantir a economia. É a sedução do fetiche da mercadoria (os teus mercadores foram os grandes da terra, porque todas as nações foram seduzidas pela tua feitiçaria). Qual era esta feitiçaria? A economia e a religião romana que adoram o dragão (diabo) e a besta (Império). Confira-se Ap 13,1-4. Em 18,17 se fala da riqueza, que de uma hora para outra ficou destruída e que foi conseguida via Roma (18,15). Este capítulo faz a interligação entre a economia, a política, a religião e a cultura. Mas o forte está na economia que dá vida ao sistema todo. A mercadoria é a grande atração deste capitulo; é a economia que determina tudo e na destruição do Império Romano se destrói junto o sistema econômico. Pois o Estado tem a função de garantir o sistema econômico vigente, bem como a riqueza e o poder de uma classe sobre a outra; destruindo o Estado cai tudo. O Estado já é o resultado da desigualdade econômica e visa mantê-la. O império é destruído exatamente porque o seu sistema econômico é diabólico. A feitiçaria é o fetiche do "capital", do dinheiro, da mercadoria. Por que a mercadoria é um fetiche? Porque existe em si e por si. Como o fetiche religioso (deuses em forma de estátuas) tem poder sobre seus crentes ou adoradores, também a mercadoria age da mesma forma, pois tem poder sobre as pessoas. Isto já aconteceu no relato do Êxodo 32, onde o povo de Israel adora o bezerro de ouro (bezerro e ouro são mercadorias e o símbolo de prosperidade e acúmulo do Modo de Produção Tributário). Os mercadores e reis viviam em função das mercadorias e do lucro que estas lhes forneciam. Todo o sistema vivia em função das mercadorias e não em função das pessoas. Quando se crê que os objetos que possuímos podem realizar coisas, então a gente está se deixando seduzir pela magia desses objetos. Com a enumeração das mercadorias e pelo choro por ter-se interrompido a circulação das mercadorias, o texto acentua que estas determinavam a vida das pessoas, e viraram fetiche. Pela adoração do imperador e a compra das mercadorias se adorava o sistema como um todo, na ilusão de que estão realizando seus desejos na sociedade. Aqui a mercadoria é um símbolo que substitui relações pessoais e sociais, é um fetiche. Os cristãos eram uma ameaça à circulação das mercadorias e à sua produção para fins de acúmulo pela proposta do reino de Deus, por isso devem ser eliminados. Atos 2 e 4 falam da existência de uma sociedade fraterna e igualitária baseada na

fé em Jesus Cristo e isto é uma ameaça ao sistema; na verdade os pobres sempre são uma ameaça a todo sistema opressor e concentrador pelo potencial de revolta a eles inerente.

Em 18,11 e 15 os mercadores choram por causa das mercadorias e não por causa das pessoas. Para o sistema as mercadorias são o importante, não as pessoas. O que é a mercadoria? É trabalho humano concentrado e não pago. O lucro foi atingido e isto dói.

Os cristãos hoje conseguem identificar e entender o sistema capitalista e seus defensores para poder denunciá-los e combatê-los?

1.8. O sistema é assassino (18,24)

O sistema é assassino pois fez mártires. Gerou a morte de profetas e santos e de todos que foram mortos sobre a terra – povos exterminados pelos romanos. O sistema para se manter tem que matar, fazer guerras para saquear e fazer escravos. Esta é a dinâmica do sistema escravista. Injusto e violento por princípio. Este sistema não se converte, por isso tem que ser exterminado.

Concordamos que hoje o sistema capitalista continua assassino? Como e onde isto acontece?

1.9. Ter clareza é essencial (19,10)

A falta de clareza do povo de Deus vai até o fim e confunde a quem deve adorar.

Os cristãos hoje têm clareza quanto a quem devem adorar? E quem eles adoram de verdade?

2. A Proposta: A Utopia do Fim

2.1. Retirai-vos do sistema, povo meu! (18,4)

"Retirai-vos do sistema, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não serdes castigados por terdes compactuado". Ficar dentro do sistema é se corromper, não dá para ser cristão e concordar com este sistema, pois está alicerçado nos falsos deuses que trazem a morte. Cada deus tem a sua proposta de organização da sociedade, Jesus Cristo também a tem. Por isso é necessário ter clareza da proposta de Jesus, que ele chama de reino de Deus, para saber que esta não fecha com a dos deuses romanos, pois defende a vida agora e sempre.

O resumo da proposta de Jesus Cristo encontramos em Lc 4,18-19 + Lc 7,18-23 + Mt 25,31-46 + Mc 14,22-25 + At 2,42-47 + Lc 15,1-7 + Lc 10,25-37 + Lc 9,57-62.

Como se pode viabilizar esta proposta de Jesus em uma forma econômica, política e cultural concreta hoje enquanto o reino não se completa com o juízo final?

Não compactuar. Não ser aliado. Por que compactuar e ser aliado se o sistema está prestes a ruir? Não há vantagem nisso. Além do mais, quem assim o fizer estará traindo a Deus e ao seu projeto de vida plena que o império não poderá dar. O cristão é contra o sistema por princípio, pois é mau por princípio. O sistema não se converte. Não ter ilusões frente ao sistema, pois ele é do diabo. Por isso no diálogo de Deus com Abraão em Gn 18,22-33 fica claro que não há chances para o Estado (pois é a legitimação do acúmulo e da exploração de uma classe sobre a outra e tem a função de reprimir a classe perdedora na luta de classes), não há nada de bom nele e olhar para trás não se pode, nada de saudades do Estado (Gn 19,26)! Hoje é a mesma coisa, ser a favor do capitalismo é ser contra Deus. Porque na prática o projeto de sociedade do capitalismo é o oposto ao projeto de sociedade de Deus. Já no Antigo Testamento Deus recusou aceitar o novo sistema de organizar a sociedade que foi o Modo de Produção Tributário, como podemos ver em 1Sm 8 e Jz 9 e no anúncio profético. Às vezes a gente para se acomodar se convence que o sistema não é tão ruim assim, só que para os cristãos só havia uma escolha (e ainda hoje é assim): ou Jesus Cristo ou os deuses romanos com seu sistema. E a escolha tinha conseqüências claras (como também hoje). O sistema vai pagar em dobro o sofrimento que causou. O seu sofrimento futuro vai ser igual à sua glória atual. Destruindo o sistema como um todo se destruía também os deuses que davam legitimidade ao sistema. Na verdade é uma luta entre deuses.

Vale para nós hoje a mesma palavra do Apocalipse: Retirai-vos do sistema? Não compactuar, não ser aliado? O capitalismo é uma proposta que Deus aprova? Qual o sistema econômico que Deus aprovaria neste tempo de espera, como ele deveria ser?

2.2. Julgamento haverá! (18,5 e 8)

Haverá julgamento! Deus vai julgar todo o sistema baseado em suas ações contra a vida. Mesmo tendo recebido o poder do diabo, não está a salvo do julgamento de Deus. Nada e ninguém estão a salvo do juízo de Deus. O sistema opressor sempre age como se não pudesse ser alcançado pela justiça e faz tudo para ficar impune. Vejam-se as ações das ditaduras latino-americanas onde quase não houve julgamento pelas torturas e assassinatos e principalmente pela entrega da economia ao capital internacional (algo que continua ainda hoje) que gerou (e ainda gera) pobreza e morte entre o povo.

Vivemos nesta esperança que haverá julgamento para o sistema capitalista e seus aliados?

2.3. O extermínio do sistema (18,21)

O sistema desaparece totalmente por vontade de Deus. Deus não é neutro, mas se posiciona frente às injustiças e a todas as opressões, principalmente quando feitas em nome da religião. Sumir, jogar fora, afundar são as palavras aqui usadas. Fim do Estado, do poder político que legitima a economia e a cultura (tudo era perpassado pela religião). Fim da cultura opressora e da economia opressora (v. 22: pedra de moinho). Todo o capítulo acentua a questão econômica como sendo a chave de todo o império. O ataque é contra o sistema econômico que para se

viabilizar necessita do poder político e os dois são do diabo, não há meias palavras. Não é a primeira vez que a Bíblia fala do fim do Estado. Em Gn 11,1-9 fala do fim da construção da cidade (Estado) e em Gn 18,16–19,29 fala da destruição de Sodoma e Gomorra, além da destruição de Jericó e Ai, no período da conquista da terra (Js 6–8) que marca um novo Modo de Produção defendido por Deus. Um Modo de Produção sem Estado é também a proposta que aqui se faz.

Conseguimos sonhar com o extermínio do sistema e sonhar com um sistema novo ou achamos que estamos no fim da história e que após o capitalismo não vem mais nada?

2.4. Alegria e justiça andam de braços dados (18,20; 19,2; 18,6-7)

Alegria pelo fim do sistema e pela justiça de Deus é o nosso sonho hoje? A justiça traz a alegria. O texto, na verdade, antecipa a alegria pela justiça que Deus vai fazer. É um texto profético que denuncia as injustiças com o seu anúncio da justiça de Deus. Justiça e vingança pela morte dos servos de Deus (Dt 32,43).

2.5. Adoração a Deus (19,1-8)

A celebração litúrgica termina com a adoração a Deus. Mostrando a quem devemos adorar e quem é nosso Deus. Por que adorar agora os deuses romanos se na verdade o nosso Deus será o vitorioso? Adoramos o Deus da vida que é vitorioso sobre todos os sistemas de morte e sobre a própria morte. Ter esta clareza é fundamental. A comunidade já pode fazer esta adoração antecipada à vitória final, sabendo que é só uma questão de tempo. Por que adoramos a Deus? Porque ele é o todo-poderoso e único e porque ele garante a vida e a alegria eterna.

2.6. O confronto das propostas

Em tempos de repressão e sofrimento é fundamental a Utopia do fim do sistema opressor para que se possa viver já agora a Utopia do novo começo. A Utopia da destruição do velho dá energia para sonhar e começar a construir o novo e nos dá a certeza que o atual sistema é transitório, não é eterno e é do diabo. Nada de ilusões! A comunidade primitiva conseguia deixar claro que o sistema romano não é igual à proposta do Reino de Deus e que por isso terá que desaparecer para dar lugar ao Reino. Por isso não dá para compactuar com o sistema e nem se aliar com ele, pois sua legitimação vem do diabo, uma vez que traz a morte. E somente com o fim do sistema pode florescer a vida. E o sistema está alicerçado na economia, que concede o poder ao político. Por isso os dois têm que desaparecer, para que possa surgir o novo, criado e legitimado por Deus. Como será que as comunidades cristãs de hoje sonham o novo? a partir do fim do velho sistema capitalista opressor?

As Comunidades no Império Romano sonhavam com o fim do sistema imperialista e escravista romano alicerçado na religião, também opressora, mas já iniciavam a construção do novo. Quanto mais o novo avança mais o velho tem que desaparecer e mais vai resistir para não desaparecer.

O Império com sua religião oficial criou confusão e não se sabia certo a quem adorar. A obrigação era adorar a César e aos deuses das cidades em que se residia. Não adorar os deuses do Império e das cidades era ser subversivo. Era subverter a ordem político-econômica, pois esta se alicerçava na religião do culto ao deus da cidade. Era quebrar toda a ordem.

Lembremo-nos de Paulo que ameaçou a economia da cidade de Éfeso pois falou contra a deusa Diana (At 19,23-40). Além de falar em 1Cor 1,28 que Deus quer destruir o que é pelos fracos. E que o reino de Deus vai estar pronto quando Jesus Cristo tiver destruído todo principado, potestade e poder conforme 1Cor 15,24.

Na verdade os cristãos eram considerados ímpios e ateus pelas pessoas do Império. Pois na Antigüidade a cidade (*polis*) se fundava sobre a religião. Quando se fala em cidade se entende aqui o Estado, a política.

A religião era o culto exterior, formal e cada cidade tinha seu deus ou deusa, e ser contra este deus era ser contra a cidade. Era, pois, impossível separar a política da religião. O ato religioso era ao mesmo tempo um ato cívico e vice-versa. O culto aos deuses dava a coesão à sociedade toda. Os romanos entendiam que deviam a sua prosperidade e suas vitórias contra outros povos aos deuses.

Foi o imperador Otávio Augusto que introduziu a divinização do imperador e ao longo do tempo o império teve bons resultados políticos com esta decisão.

O alastramento do cristianismo, considerado ateu pois não adorava os deuses romanos, foi visto como ameaça à religião romana, o que era o mesmo que uma ameaça política. O cristianismo foi considerado uma associação ilícita, o que significava crime igual à lesa-majestade, sem perdão. Um exemplo mostra isto: em 303 o Imperador Diocleciano promulgou uma anistia para todos os condenados, menos para os cristãos, pois não eram criminosos comuns, mas rebeldes. Ser cristão era o mesmo que ser criminoso. Lembremos as palavras de Paulo em Rm 12,1-2: "não vos conformeis com este século". Por isso de tempos em tempos havia perseguições oficiais contra os cristãos.

O imperador Trajano no ano de 112, respondendo uma consulta sobre a questão, declara o que virou depois lei:

1) a autoridade governamental não deve tomar a iniciativa das perseguições, ela não tem que procurar os cristãos;

2) os que forem denunciados e declararem não ser cristãos, ou não sê-lo mais, manifestando-o por um ato de culto aos deuses, serão absolvidos;

3) aqueles que confessarem seu cristianismo serão condenados;

4) não se devem aceitar delações anônimas.

Em 202, com o imperador Septímio Severo, esta prescrição foi abandonada e o Estado tomou iniciativas nas perseguições. Podemos entender daí que havia tempos de calmaria e tempos de perseguições gerais e locais.

O imperador Décio em 250 decretou uma perseguição com o objetivo de reforçar a religião romana e conseguir que o maior número possível de cristãos

renegassem sua fé. A lei determinava que todos no império deveriam sacrificar aos deuses e recebiam um certificado quando o fizessem, para que ninguém escapasse.

Em 303 uma lei determinava a destruição das igrejas e a queima dos livros. Uma lei posterior determinava a prisão dos líderes da Igreja e a tortura para quem não sacrificasse aos deuses.

A igreja primitiva, entre os anos de 64 e 313, conheceu 129 anos de perseguição e gozou de 120 anos de relativa tranqüilidade. Calcula-se o número de mártires em torno de 100 mil a 200 mil pessoas, fora as pessoas que tiveram os seus bens confiscados, foram presas, torturadas ou exiladas e condenadas ao trabalho nas minas.

BIBLIOGRAFIA

LESBAUPIN, Ivo. *A Bem-aventurança da Perseguição. A Vida dos Cristãos no Império Romano.* 2ª ed. Vozes, Petrópolis, 1977.

LOHSE, Eduard. *Die Offenbarung des Johannes*, in: *Das Neue Testament Deutsch,* vol. 4. Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1976.

MESTERS, Carlos. *Esperança de um povo que luta. O Apocalipse de São João, uma chave de leitura.* Paulinas, São Paulo, s.d.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Ideologia.* 3ª ed. Global Editora, São Paulo, 1987.

Günter Wolff
Caixa Postal 18
99680-000 Constantina – RS